



A MENINA DOS *lhos*
DE KAURISMAKI

por Matheus Borges

O enredo de **A Garota da Fábrica de Fósforos** (Aki Kaurismaki, 1990) não é uma das ideias mais originais do diretor finlandês. Pelo contrário, é até muito simples: conta a história da vida monótona de Iris, supervisora em uma fábrica de fósforos, sem muitas aventuras e ambições. A mediocridade de personagens no cinema costuma despertar a compaixão de um público sonhador.

O emprego de Iris não exige muito da capacidade de uma pessoa, é uma função que poderia facilmente ser desempenhada por uma máquina. A personagem é uma mulher adulta, solteira e que ainda vive com os pais, faz as compras da casa, as refeições e sustenta ambos com seu salário. Quando as pessoas dizem que gostariam de viver como nos filmes, certamente não estão se referindo ao cinema de Kaurismaki.

O desfecho trágico de *A Garota da Fábrica de Fósforos* é um elemento surpresa, porém as reviravoltas não são nenhuma novidade no todo da carreira do diretor. O que me chamou a atenção foi a dedicação na construção e desenvolvimento da protagonista. A simplicidade do enredo caberia facilmente tanto em um curta entre dez e quinze minutos como daria pano para mais de duas horas. As escolhas de Kaurismaki fizeram diferença, e este filme com uma hora e cinco minutos tem a sua cara.

A escolha pelos poucos diálogos, a objetividade das ações em

planos curtos e a constante ausência de expressões no semblante e na linguagem corporal de Iris, são elementos que constituem um desenvolvimento bastante cuidadoso da personagem, representando a falta de emoção no cotidiano dela. Apesar disso, ela acredita no amor e sonha em encontrar um homem para se casar e formar uma família, conforme indica seu discreto sorriso enquanto lê um romance no ônibus.



Apesar da pouca duração e boa fluidez do filme, as sequências refletem tão bem a monotonia da vida de Iris que muitos espectadores sentem o mesmo: é cansativo assistir à cena do jantar em família, na qual conversam sobre o noticiário da TV, ou das máquinas da fábrica trabalhando nos primeiros minutos. Porém, essa particularidade nos aproxima ainda mais da vida da personagem, de modo a nos envolver com o filme de uma maneira mais rica.

Iris frequenta os bailes e bares para tentar se divertir e conhecer alguém, mas se vê ainda mais sozinha quando ninguém se interessa pela moça tímida e inexpressiva, sempre a olhar para o chão e evitar contatos visuais enquanto

espera que alguém a tire para dançar.

Após voltar sozinha para casa em outras ocasiões, Iris enfim é chamada para dançar e dorme com o homem que conheceu. A sequência não ilude o espectador com a expectativa de um romance: não há flerte, paixão ou sensualidade. Tudo acontece muito rápido. Em um instante, temos o casal dançando música lenta, mas logo corta para o dia seguinte, com a protagonista acordando sozinha no apartamento de seu par da noite anterior.

É curioso que a cena não ocorra de maneira visualmente explícita, mas somente através do som do carro, quando a personagem sai de quadro. Após o corte, vemos o interior do hospital.

Em seguida, é expulsa de casa pelos próprios pais. Ela perdeu tudo: o filho, os pais e o lar. Apenas o irmão, que já tinha deixado a casa, continua do lado de Iris. A consequente mudança de vida é retratada com simplicidade, utilizando de uma única e breve



Iris queria viver como nos romances que lê, porém o homem se distancia e depois a rejeita, mantendo sua vida tão infeliz quanto antes. A normalidade de sua rotina permaneceria, porém a protagonista descobre que está grávida e o pai exige que ela “livre-se da larva”.

Sua primeira ação imprevisível desencadeia uma sequência de desgraças em sua vida: Iris se joga na frente de um carro e perde o bebê.

cena, na qual vemos Iris fumando em seu novo lar, onde há uma mesa de sinuca e um *jukebox*.

A mudança em questão é encarada com muita naturalidade pelo espectador, porém ninguém espera que a boa moça que preparava a refeição para os pais e dava todo o salário nas mãos da mãe sem questionar, que se comportava bem e era romântica, seria capaz de um dia envenenar aqueles que a fizeram mal.

Por outro lado, a inexpressividade trabalhada na personagem ajuda a aceitar. Não apenas a motivação a partir da dor, rejeição e infelicidade - afinal, uma hora ou outra Iris se cansaria do modo como a vida vinha lhe tratando -, mas era impossível sequer imaginar o que se passava pela cabeça da personagem. Uma porta fechada que escondia a potencial assassina por trás dos tímidos e esbugalhados olhos azuis de uma leitora de romances.

Iris é uma construção instigante de Aki Kaurismaki, e *A Garota da Fábrica de Fósforos* provoca reflexões sobre as condições desumanas de trabalhos monótonos, rotina e infelicidade, assim como a naturalidade da ânsia pela paixão e desejo por vingança, uma vez que, mesmo “robotizadas” por profissões deprimentes, as pessoas não estão imunes à dor da rejeição, à necessidade de amar e ser amado, se divertir e sorrir.